

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SÔBRE A ARQUEOLOGIA DO ALTO XINGU (MATO GROSSO)

MÁRIO F. SIMÕES (\*)  
Museu Paraense Emílio Goeldi

### AMBIENTE GEOGRÁFICO

O Alto Xingu compreende a extensa região do planalto central brasileiro banhada pelo curso superior do Xingu, à montante da cachoeira von Martius, e de seus principais formadores — os rios Culuene e Ronuro. (1) Servem-lhe de limites aproximados os paralelos de 10° e 14° S e os meridianos de 52° e 55° W (fig. 11).

De topografia tabular uniforme e altitude média de 300 m, constitui a região um "...perfeito peneplano com cobertura sedimentar recente" (Almeida, 1948 : 10), onde se encaixam os vales do Xingu e seus tributários em demanda da calha amazônica. Para as cabeceiras dos formadores do Xingu, ao sul, modifica-se a paisagem com a presença de um relêvo mais movimentado, composto pelas chapadas divisoras de águas das bacias amazônica e platina, com altitudes de 600 a 800 m. A cobertura sedimentar, com exceção de estreitas faixas de depósitos holocênicos ao longo dos rios, é formada por sedimentos pliocênicos da formação Araguaia (cf. Barbosa et alii, 1966 : mapa geológico).

Para o rio Culuene confluem os rios Couto de Magalhães, Sete de Setembro, Tanguro e Culiseiu; para o Ronuro, os rios von den Steinen, Jatobá e Batovi. Da junção de ambos, a 11° 55' S, forma-se o Xingu que, até alcançar a cachoeira von Martius, recebe os rios Suiá-missu, Auaiá-missu, Manitsauá, Huaia-missu e Jarina (est. 31). Inúmeras lagoas bordejam os cursos dos rios, dentre as quais, pela extensão, se destacam Ipavu e Itavonuno, respectivamente, próximo à confluência Culuene-Ronuro e margem direita do baixo Culuene (est. 32).

(\*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — Nesta comunicação apresentamos algumas notas sôbre a recente pesquisa arqueológica por nós realizada no curso superior do Xingu, ao norte do Estado de Mato Grosso, durante os meses de julho e agosto de 1966, sob o patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas e Smithsonian Institution.

A quase totalidade da região está incluída no *clima de savanas tropicais* (Aw de Köppen), caracterizado por médias térmicas mensais superiores a 18° C, umidade relativa inferior a 80% e duas estações bem diferenciadas — uma chuvosa e quente, denominada *inverno*, e outra seca e fria, o *verão*. Este começa em fins de abril e se estende até meados de setembro, com raríssimas chuvas. Não obstante a temperatura durante o dia atingir 35° C, as noites são sempre frias, alcançando mínimas inferiores a 10° C. A amplitude térmica é ainda mais acentuada por ocasiões das *frentes frias* que, oriundas do sul do continente, provocam baixas térmicas bruscas, registrando mínimas até de 5° C. O *inverno* principia com as primeiras chuvas e trovoadas em fins de setembro, prolongando-se até abril; a temperatura é mais elevada e menor a amplitude térmica. Mais para o norte da região, já próximo a seu limite setentrional, predomina o *clima de florestas tropicais* (Am), tipo de transição entre o *clima de savanas tropicais* (Aw) do centro-oeste e o *clima superúmido* (Af) da Amazônia, assemelhando-se a este quanto ao regime de chuvas e àquele no tocante às temperaturas.

A fitofisionomia da região é diversificada, reflexo de suas próprias condições climáticas locais. Na zona de clima Aw domina o *cerrado*, as savanas típicas do planalto central brasileiro. De vegetação rala, estende-se até próximo aos rios, prolongando-se para o norte em mistura com manchas de campo e matas ciliares. A mata ao longo dos rios é relativamente alta e densa, com o subosque bastante emaranhado. Para o norte, na zona de clima Am, torna-se ainda mais densa e alta com a presença da floresta semidecídua equatorial, tipo de transição entre a floresta latifoliada perene equatorial ou *hiléia* e as formações arbustivas e herbáceas do planalto central.

A fauna, pela diversidade de tipos de ambientes (formações fechadas e abertas), é numerosa e variada (cf. Carvalho, 1949). Além das faunas específicas desses ambientes, somam-se as formas de distribuição contínua em ambos os tipos de formação, bem como as formas vicariantes nas florestas e formações abertas, proporcionando assim grande variedade de caça (cf. Vanzolini, 1963), especialmente aves. (2) A pesca é a principal atividade de subsistência da região, considerando-se a quantidade de peixes

(2) — Em consequência da alimentação alto-xinguana vincular-se mais às atividades de pesca, é a caça limitada apenas a macacos para alimentação e alguns mamíferos e aves para obtenção de peles, unhas e penas para artefatos. Todavia, ao norte, no curso superior do Xingu, é a caça mais freqüente pela presença de outros grupos indígenas recentemente imigrados para a região, como Jurúna, Kayapó-Txukahamãe e Kayabí. Dos mamíferos mais abatidos, destacam-se veados, antas, porcos-do-mato, pacas e macacos; das aves, mutuns, jacus, jacamins, macucos e patos.



em seus inúmeros rios, lagoas e igarapés. Outra fonte de proteína é o tracajá (*Podocnemys* sp.) e seus ovos, apanhados nas praias e ilhas de areia durante a época da desova (agosto).

O conhecimento do Alto Xingu é relativamente recente, datando de 1884 a primeira exploração oficial da região, realizada pela expedição geográfica de Steinen.<sup>(3)</sup> Até aquela data mantivera-se isolada e desconhecida, tendo em vista, entre outras causas, as próprias condições físicas envolventes. Pelo sul o vasto chapadão matogrossense servia-lhe de barreira, impedindo a procura das cabeceiras do Xingu; pelo norte, apesar da demanda de produtos extrativos (seringa, castanha, etc.), era navegado apenas até Piranhacoara (cêrca de 4° 5' S), no médio Xingu. Dali para cima as inúmeras cachoeiras e corredeiras dificultavam-lhe o acesso, além da presença de grupos indígenas hostis, principalmente Kayapó.

Por ocasião das viagens de Steinen e Meyer, no final do século passado, cêrca de 39 aldeias ou grupos-locais espalhavam-se ao longo dos principais formadores do Xingu, num total de 3000 pessoas, aproximadamente (Steinen, 1885 : 74; 1940 : 244; Meyer, 1898 : 139). Grupos de procedência e línguas diferentes ali se encontravam, como Kamayurá, Awetí, Kustenáu, Waurá, Mehináku, Yawalapití, Bakairí, Nahuquá, Trumái, Suyá, Manitsauá e Yarumá. Com exceção dos Suyá e Manitsauá, os demais habitavam a região dos formadores, isto é, à montante da confluência Ronuro-Culuene. Dessa confluência para baixo, até a cachoeira von Martius, era somente ocupada pelos Suyá (próximo à foz do Suiá-missu), pelos Manitsauá (no rio de mesmo nome), e percorrida intermitentemente por bandos Kayapó.<sup>(4)</sup> Atualmente, incluindo os grupos intrusivos (cf. Simões, 1963), a população totaliza cêrca de 1200 índios.

Grande parte da região é hoje ocupada pelo Parque Nacional do Xingu, criado em 1961, que mantém dois postos com campo-de-pouso, aviões, barcos e recursos médico-dentários: Pôsto Leonardo Vilas-Boas, no rio Tutuari (baixo Culuene), e Pôsto Diauarum, à margem direita do Xingu, à jusante da confluência do Suiá-missu.

#### AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Até 1947, com exceção de ligeira referência sôbre uma gruta contendo algumas urnas funerárias, encontradas por Castro em 1897 nas cabeceiras

(3) — A prioridade do devassamento do Alto Xingu foi motivo de longa polémica entre Steinen e Pimenta Bueno, em fins do século passado. Para maiores detalhes dos argumentos apresentados contra Steinen, cf. Bueno, 1885 : 241-242.

(4) — Sôbre o devassamento da região, distribuição espacial e população dos grupos alto-tinguanos, cf. Galvão & Simões, 1964 : 132-141.

do Culiseiu (Castro 1938 : 118), e mais tarde reportada por Meyer (1899 : 263-264), nada mais encontramos na bibliografia alto-xinguana que se relacione com evidências arqueológicas, apesar de Schmidt e Petruzzo terem feito escavações em Mato Grosso. (5)

A primeira informação sôbre depósitos arqueológicos com material cerâmico no Alto Xingu data daquele ano, através da excursão do Museu Nacional à região. Em sua permanência no acampamento Jacaré (hoje destacamento da FAB), no baixo Culuene, notou Galvão a presença de cerâmica superficial nos terrenos vizinhos ao acampamento. Num provável enterratório encontrou “cerâmica até a profundidade de 1 metro, alguns restos de cinza e carvão...” Constatou ainda, pelo exame de alguns fragmentos, uma certa semelhança quanto ao tempêro e à forma das bordas com a atual cerâmica Waurá, diferindo desta, contudo, por apresentar nas bordas “um denteamento ausente na cerâmica moderna”. Alguns cacos mostravam igualmente “um imbricado (finger impression)” desconhecido nos vasos atuais (Galvão, 1953 : nota 16).

No ano seguinte, embora não mencionando a presença ou extensão de depósitos superficiais de cerâmica nas vizinhanças do Pôsto Jacaré, Oberg retirou de uma pequena escavação, realizada numa clareira próxima ao campo-de-pouso, diversos fragmentos de uma cerâmica espessa e avermelhada. Segundo êste autor, também alguns fragmentos apresentavam certas semelhanças com as grandes painéis de borda extrovertido-expandida fabricadas atualmente pelos índios Waurá (Oberg, 1953 : 9).

Em 1952, considerando as informações pessoais de Galvão, procedemos alguns cortes-experimentais e coleta de material superficial no Pôsto Jacaré e lagoa Nariá (baixo Culuene), como também a escavação de um enterratório na lagoa Ipavu. Dêsses locais obtivemos uma pequena amostragem de fragmentos e algumas peças completas, por nós depositadas no Museu Nacional.

Nos anos seguintes (1953/54), Carneiro e Dole, por ocasião de suas pesquisas entre os Kuikúro, realizaram também cinco cortes-experimentais nas proximidades da lagoa dos Kuikúro (margem esquerda do médio Culuene), um outro no antigo Pôsto Capitão Vasconcellos (hoje Leonardo Vilas-Boas) e coleta superficial naquela lagoa, obtendo cêrca de 400 fragmentos e alguns artefatos. Como resultado, publicou Dole (1961/62) um artigo no qual faz interessantes observações sôbre os sítios e a cerâmi-

---

(5) — O primeiro, informado sôbre a existência de grande quantidade de fragmentos de cerâmica e líticos, escavou cêrca de 13 sítios nos rios Mazagão e Cuiabá (Schmidt, 1942 : 253-256); o segundo, estabelecendo em Descalvado, na margem direita do rio Paraguai, a base principal de sua expedição a Mato Grosso, pesquisou dois sítios-cemitérios em seus arredores (Petruzzo, 1932 : 103-120).

ca encontrada, tais como espessura e densidade da camada ocupacional, manufatura, tempêro, côr, tipos de bordas, decoração, etc. Infelizmente, maior parte do material coletado, por provável dificuldade de transporte, foi deixada no campo (ibid.: 400), impossibilitando assim comparação e correlações futuras com material de outros sítios locais.

Estas eram, portanto, as únicas referências sôbre achados arqueológicos na região alto-xinguana e, como vimos, relacionadas apenas ao baixo e médio rio Culuene.

Em julho e agosto últimos, como resultado de nossa participação no *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas e Smithsonian Institution, realizamos uma pesquisa arqueológica (Projeto Xingu) na região, desde a foz do rio Manitsauá até o baixo rio Culuene, cêrca de 1° 30' em latitude. Foram localizados e prospeccionados 12 sítios (MT-X-1 a MT-X-12) — 7 no curso superior do Xingu e 5 nos arredores do baixo rio Culuene (fig. 11).

Os sítios localizam-se sempre próximo à água corrente (rio ou lagoa), em terreno sêco e livre das inundações periódicas. São todos sítios-habitações de tipo aberto, incrustados na mata ciliar ou no limite desta com o campo ou cerrado. A presença de inúmeros fragmentos de cerâmica dispersos pela superfície dos sítios facilitou a identificação e delimitação dos mesmos, mormente naqueles em que o solo mostrava-se calcinado pelas *queimadas* ou lavados pelas enxurradas de *inverno*. Por não serem atingidos pelas cheias dos rios e sômente cobertos por vegetação secundária, são os locais preferidos pelos atuais xinguanos para plantio de suas roças ou construção de aldeias.

Com exceção dos sítios MT-X-11 : Ipavu III e MT-X-12 : Noviari, dos quais coletamos apenas material de superfície, procedemos nos demais um, dois e, excepcionalmente, três cortes-estratigráficos, variando suas dimensões de 1.5 x 1.5 a 2.5 x 2.5 m, e escavados em níveis arbitrários de 10 ou 15 cm, segundo a densidade do depósito de refugo (est. 33). Os níveis, num total de 102, forneceram considerável quantidade de fragmentos de cerâmica, alguns líticos, ossos humanos e resíduos de alimentação (espinhas de peixes, ossos de mamíferos e quelônios). De alguns ainda obtivemos amostras de carvão para fins de datação por C-14, e de todos os sítios recolhemos coleções não selecionadas de superfície para seriação posterior. Todo material será depositado no Museu Paraense Emílio Goeldi para fins de tombamento, estudo e classificação.

A análise preliminar da cerâmica e de outras evidências arqueológicas, bem como as condições ecológicas dos sítios do alto Xingu e do baixo Culuene, sugerem a existência de duas fases arqueológicas distintas e

correspondentes a essa divisão geográfica. Todavia, enquanto aguardamos análise mais detalhada das evidências totais, descreveremos ambos os complexos, provisoriamente, segundo as respectivas áreas de distribuição geográfica.

### Curso superior do Xingu

Os sítios são aqui representados por 7 refugos habitacionais (5 no rio Xingu, 1 no rio Suiá-missu e 1 no rio Manitsauá), com área circular entre 80 a 200 m de diâmetro e espessura média de 70 cm, situados na mata ciliar e sempre à margem dos rios. A altura, em relação ao nível das águas em julho-agosto, variou de um máximo de 9.5 m (MT-X-5 : Bibina) a um mínimo de 4.6 m (MT-X-1 : Diauarum), com a maioria acima de 7 m.

O maior dos sítios é MT-X-1 : Diauarum, com cerca de 30 000 m<sup>2</sup>, à jusante da foz do Suiá-missu e ocupado atualmente pelo Pôsto Diauarum do Parque Nacional do Xingu. O menor, com aproximadamente 7000 m<sup>2</sup>, é MT-X-3 : Monã, à margem esquerda do Xingu e distante 200 m de um pequeno aldeamento Kayabí. Ambos foram ocupados pelos Suyá em fins do século passado e princípios deste, principalmente Diauarum, onde se localizou a grande aldeia desses índios visitada por Steinen em 1884 (Steinen, 1942 : 237).

Os cortes-estratigráficos revelaram um solo escuro, humoso (tipo terra-preta), mudando gradativamente para amarelado ao atingir a camada estéril de argila amarela. Com exceção do corte A do sítio MT-X-5 : Bibina, que apresentou um nível estéril entre dois refugos ocupacionais distintos, os demais possuíam refugos homogêneos.

Nenhuma evidência de cemitérios foi constatada, salvo diversos fragmentos cranianos, parte da mandíbula e alguns dentes molares encontrados no sítio MT-X-1 : Diauarum, em mistura com cacos de cerâmica e líticos, representando possivelmente restos de um enterramento primário.

CERÂMICA — Pelo exame dos cacos apresenta-se decorada e não decorada (simples), com ênfase nesta última. Ambas são de manufatura acordelada, temperadas com *cariapé*, por vezes grosseiro, com pequena parcela de areia. O tempêro, via de regra, é mal misturado à pasta e, em alguns cacos, são visíveis a olho nu inúmeras partículas de tecido vegetal inclusas na pasta, provavelmente resultantes da combustão incompleta do material destinado ao preparo do *cariapé*. A cor da pasta é geralmente creme-claro ou cinza-claro, com ou sem núcleo escuro, ou ainda, totalmente negro em toda a espessura da parede, onde contrasta a cor clara das inclusões de tecido vegetal. A superfície apresenta-se

áspera, mal alisada, com pequenos sulcos provocados pelo arrastar dos grãos de areia durante o processo de alisamento (est. 34 *a-d*), ou ainda com inclusões de tecido vegetal (est. 34 *f*). A cor varia de cinza-claro, creme-claro a laranja-claro e escuro.

As bordas examinadas mostram-se diretas, verticais ou inclinadas externamente, com lábio arredondado, plano ou biselado; ou ainda, expandidas, extrovertidas, com espessamento externo e lábio arredondado. A espessura das paredes varia de 6 a 15 mm, com as bases mais espessas. Quanto à forma, os cacos mostram uma predominância de vasos de boca ampliada, de contorno simples arredondado, base circular-plana e diâmetro da boca variando de 18 a 40 cm. Diversos fragmentos pertencem a grelhas ou assadores de beiju, de forma plano-circular e borda levemente levantada, medindo cerca de 60 cm de diâmetro.

A cerâmica decorada, embora em proporção reduzida, é representada por alguns cacos com engôbo ou banho vermelho e pintura vermelha sobre branco; outros, com as seguintes técnicas: ungulado vertical, acanalado, entalhado e modelado, este sob a forma de adornos e alças zoo ou antropomorfas (est. 34 *e-h*).

De outros artefatos de cerâmica, incluem-se suportes de painéis tronco-cônicos e uns poucos cacos trabalhados grosseiramente, em forma de discos de 5 a 6 cm de diâmetro e perfuração central, sugerindo rodela de fuso.

É freqüente em alguns sítios a intrusão de fragmentos de cerâmica do curso inferior do Culueño à superfície e níveis superiores dos cortes-estratigráficos, principalmente no MT-X-1: Diauarum, corte C, onde atinge o nível 30 em mistura com a cerâmica acima descrita. Em escala maior é a presença de cerâmica alto-xinguana contemporânea, (6) embora restrita à superfície e primeiro nível.

ARTEFATOS LÍTICOS — Resumem-se a algumas peças e diversos fragmentos coletados nos níveis médios e superiores do sítio MT-X-1: Diauarum, corte C, compreendendo alguns machados fragmentados, talhados por percussão direta e semipolidos (est. 35 *c, d, g*); um talhador semipolido alongado com ponta e talão, desgastado por uso (est. 35 *a*); núcleos com parte da crosta natural; inúmeras lascas, muitas ainda com restos da crosta natural (est. 35 *h-l*), e alguns fragmentos de arenito, com profundos sulcos, empregados como abrasadores (est. 35 *c, e, f*).

(6) — Cerâmica fabricada pelos grupos oleiros alto-xinguanos — Kustenáu, Waurá e Mehináku — para uso e comércio com os demais grupos-locais da área. Preferimos a denominação *contemporânea* a de *atual* por dar-nos aquela maior amplitude temporal, considerando que dos grupos ceramistas citados e existentes em fins do século XIX, restam apenas os dois últimos em nossos dias.

Como o material dos artefatos, núcleos e lascas provém de rochas máficas (possivelmente diabásio), e não existindo tais rochas na região, acreditamos terem sido transportadas ou comerciadas de outros locais, como o médio Xingu, onde há afloramentos de rochas semelhantes. (7)

ARTEFATOS DE CONCHA — Compreendem alguns fragmentos de valvas de um lamelibrânquio fluvial, de formato semilunar e com sinais evidentes de uso como raspadores.

### Curso inferior do Culuene

Os sítios são aqui representados por 5 refugos habitacionais (4 na lagoa Ipavu e 1 no ribeirão Tutuari), ocupando área circular de 100 a 150 m de diâmetro e espessura média de 50 cm. Estão sempre localizados na mata ciliar ou no limite desta com o cerrado, em locais livres das inundações periódicas e nas proximidades de uma lagoa ou pequeno tributário, destes distando cerca de 300 m como as atuais aldeias alto-xinguanas. Via de regra, a altura média dos sítios é inferior a do curso superior do Xingu. Com exceção do sítio MT-X-12 : Noviarí, com 9 m acima do nível da lagoa Ipavu (julho-agosto), os demais estão compreendidos entre as cotas de 4 a 5 m. As áreas dos sítios variam de 15 000 a 18 000 m<sup>2</sup>, e estão tôdas ocupadas, parcial ou totalmente, por aldeias ou roças indígenas atuais.

Os cortes-estratigráficos efetuados registraram refugos homogêneos e um solo de coloração escura, arenoso, superposto também a camada estéril de argila amarela ou vermelha.

Embora não tenhamos encontrado evidências de sepultamentos nos sítios ora prospeccionados, contamos com um enterratório escavado na lagoa Ipavu, em 1952, no sítio MT-X-9 da atual pesquisa. O sepultamento estava a 1.20 m de profundidade, com orientação E - W, e associado com duas painéis de cerâmica de borda horizontal plana invertidas sobre o esqueleto. A menor, completa e com decoração incisa diagonal na borda (est. 36 c), cobria despojos do crânio, enquanto a maior, com a borda fragmentada e um pouco a oeste da anterior, protegia o restante do esqueleto. O cadáver fôra sepultado, provavelmente, em decúbito dorsal, com a cabeça voltada para o nascente e, de outros objetos associados, apenas

---

(7) — Segundo informações dos geólogos Pedro Loewenstein e Otávio F. Silva, da D. G. do Museu Goeldi, há afloramentos de rochas semelhantes às dos líticos no rio Fresco, afluente do Xingu, onde chegam a formar corredeiras entre o Pôsto Gorotíre e a foz do Trairão.

uma conta lítica semelhante às usadas pelas atuais alto-xinguanos como pingentes em colares e cordões-de-cintura. (8).

CERÂMICA — Ao contrário da anterior, revelou-se predominantemente decorada, de manufatura acordelada, como atestam vários fragmentos com fraturas nas junções dos roletes, e temperada com *cauixi*. (9) A mistura das espículas com a pasta é, via de regra, homogênea, perfazendo até 60% da mesma. Apesar de ligeiras concentrações ocasionais do tempêro em um ou outro ponto, a densidade da pasta é uniforme, notando-se, inclusive, uma certa tendência de isorientação das espículas. Constatamos ainda a ocorrência de alguns grânulos de quartzo, raras palhêtas de mica e, em percentagem muito inferior à verificada na cerâmica do curso superior do Xingu, fragmentos de tecido vegetal. Como naquela, quer-nos parecer também contaminação acidental do tempêro. A côr da pasta varia de cinza-claro, tostado-claro a laranja, com ou sem núcleo mais escuro, ou ainda cinza-escuro em tôda espessura da parede. A superfície é alisada regularmente, mostrando sinais de raspagem ou mesmo lixado e, ocasionalmente, polida, com estrias irregulares provocadas pela pressão do polidor. A côr varia de cinza-claro, creme-claro, tostado-claro e escuro a laranja-claro e escuro.

As bordas mostram-se variadas — verticais diretas, inclinadas externamente (contraídas, diretas e expandidas), extrovertidas, expandidas e horizontais planas —, com lábios apontados, arredondados e em bise!. Quanto à forma, há predomínio de recipientes de bôca ampliada, contôrno arredondado e base plana ou, ocasionalmente, em pedestal. A espessura das paredes varia de 4 a 15 mm, com as bases mais espêssas, e o diâmetro externo da bôca entre 18 a 65 cm. Como no curso superior do Xingu, são comuns fragmentos de grelhas de forma e dimensões semelhantes àquelas.

Na decoração destaca-se, pela popularidade observada nos cacos, a técnica incisa, não obstante restringir-se praticamente à borda dos vasos. Compreende linhas incisivas (de 0.5 a 2 mm de largura e 0.2 a 1.5 mm de profundidade) paralelas ou divergentes (simples ou cruzadas), oblíquas ou concêntricas à borda (est. 36 *a-b*; 37 *e, h*); ou ainda, linhas retas e curvas, paralelas ou não, aplicadas em alças e adornos de borda (est. 37 *g*). Ou-

---

(8) — Apesar do estado precário do esqueleto, julgamos tratar-se de mulher, considerando que êsse mesmo tipo de enterramento primário é empregado pelos atuais alto-xinguanos para mulheres de *status* comum, isto é, não descendentes de "capitães". O corpo, lavado e pintado com urucu e jenipapo, é enrolado numa rêde e depositado horizontalmente no fundo da sepultura. Acompanham-no seus objetos pessoais (entre êles as panelas usadas, as quais são quebradas) e cobrindo o rosto do cadáver uma panela invertida, sendo adrede fraturada sua borda.

(9) — Para descrição da cerâmica, além do material dos sítios prospeccionados (MT-X-8 a MT-X-12), contamos com a amostragem por nós coletada, em 1952, no antigo Pôsto Jacaré e aldeia Nariá, à margem direita do baixo Culuene.

tro motivo é o inciso largo, encontrado em alguns cacos planos (grelhas ou vasos quadrangulares?), em linhas retas de 5 mm de largura em padrões triangulares e rômnicos. De outras técnicas, constatamos: engobada, sob a forma de engôbo vermelho aplicado à face externa dos vasos e, às vezes, associado com engôbo branco; entalhada, restrita à borda, com entalhes paralelos verticais ou oblíquos (est. 37 a-c) e em zig-zague (est. 37 d); e, finalmente, a modelada ou plástica, utilizada na elaboração de alças e adornos de borda (est. 37 b, f, g, i, j). Tôdas essas técnicas, inclusive a incisa, são aplicadas isoladamente ou combinadas num mesmo vaso.

De outros artefatos de cerâmica, coletamos alguns suportes de painéis de forma hiperbólica, decorados ou não com linhas incisadas.

Em todos os sítios foi verificada a presença de grande número de fragmentos de cerâmica alto-xinguana contemporânea à superfície, como também nos níveis superiores dos cortes-estratigráficos de MT-X-9 e MT-X-10.

**ARTEFATOS LÍTICOS** — Limitam-se a dois machados polidos com talão fraturado, um fragmento de machado polido e duas contas ou pingentes, confeccionados em rochas semelhantes às do curso superior do Xingu.

**ARTEFATOS DE OSSO E CONCHA** — Compreendem alguns fragmentos de rodela de fuso manufaturadas em osso, com decoração de linhas incisadas cruzadas, e alguns raspadores de concha similares aos do curso superior do Xingu.

#### AS VALETAS ALTO-XINGUANAS

Outrossim, não podíamos omitir-nos de um assunto que há muito vem suscitando dúvidas e controvérsias no Alto Xingu, isto é, a existência de *trincheiras* ou valetas em vários pontos da região. Oberg, examinando uma dessas valetas no antigo acampamento Jacaré, verificou que a mesma variava “from 6 to 10 feet in width and from 4 to 6 feet in depth and was about 500 yards in length” (1953: 9). Mais tarde, Dole registrava nos arredores da antiga aldeia Kuikúro “a set of trenches which extend around three sides of an ovoid tract bordering on the Kuikuro lake. An outer trench is 1 1/2 miles long and about 10 feet deep” (1961/62: 403).

Quanto à origem e função das valetas, Oberg é de opinião que teriam sido utilizadas pelos antigos habitantes do Jacaré como “a protection against enemies in their trips to fetch water and carry their canoes back and forth” (ibid.). Dole, por sua vez, também sugere terem sido cons-

truídas pelos antigos moradores da lagoa como meio de defesa contra inimigos, à semelhança de fossos (ibid. : 404).

Entretanto, pelo que nos foi dado observar através de cortes transversais praticados em duas valetas (acampamento Jacaré e Pôsto Diauarum), somos de opinião que as mesmas representam, provavelmente, leitos secos de antigos córregos, levando-se em consideração a sinuosidade de seus traçados, os declives suaves conduzindo sempre a um rio, a natureza do solo e a falta de evidências arqueológicas. No entanto, em vista da existência de outras valetas em zonas de campo aberto, realizamos um vôo de reconhecimento sôbre as áreas de maior ocorrência, resultando em diversas fotos oblíquas que foram por nós remetidas a um geomorfologista para apreciação.

#### CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Embora não tenhamos examinado todo o material coletado, pelo fato de grande parte permanecer ainda na região aguardando transporte, tentaremos apresentar algumas considerações baseadas nas condições ecológicas e evidências arqueológicas. Contudo, queremos ressaltar que não constituem conclusões definitivas, e sim uma interpretação preliminar dos dados disponíveis e, como tal, sujeita à reformulação parcial ou mesmo total com o prosseguimento da pesquisa.

a) — A espessura dos refugos habitacionais de ambos os complexos e a existência de inúmeros outros sítios nos rios Xingu, Culuene, Culiseiu e Tanguro sugerem, em termos de espaço-tempo, uma ocupação relativamente extensa e prolongada da região por grupos ceramistas ou que usavam cerâmica. Corrobora com o exposto a informação de Meyer, em fins do século XIX, que registra para o Alto Xingu cerca de 39 aldeias ou grupos-locais, sem computar diversos outros dos rios Tanguro, Sete de Setembro e Suiá-missu (1898 : 139).

b) — Apesar da falta de evidências do tipo de habitação e de outras técnicas, a julgar pela espessura dos refugos, dimensões dos sítios e outras evidências, podemos considerar os antigos habitantes desses sítios como sedentários semipermanentes, com uma agricultura incipiente do tipo Floresta Tropical; navegação fluvial, considerando-se a proximidade de rios ou lagoas como locais preferidos para suas aldeias, e um certo ceremonial comprovado pela presença de cerâmica decorada, ou ainda, por sepultamento associado com vasos de cerâmica.

c) — Quanto à origem desses antigos habitantes, levando-se em consideração os temperos usados nas cerâmicas — *cariapé* e *caixi* —, ambos

de procedência amazônica (ou pelo menos onde maior é a distribuição e ocorrência), julgamos tratar-se de grupos amazônicos que teriam emigrado para a região, quer subindo o curso do Xingu, como o fizeram os Jurúna em fins do século passado e princípio dêste, quer descendo seus formadores e afluentes, via bacias do Tapajós e Araguaia, como os Trumái (rio Tanguro) e Suyá (rio Ronuro) no passado, ou como os Kayabí (rio Manitsauá) em nossos dias.

d) — Quanto à relação temporal entre os dois complexos, a única indicação no momento é a intrusão de cerâmica do curso inferior do Culuene e alto-xinguana contemporânea à superfície e níveis superiores de alguns sítios do curso superior do Xingu. Porém, como alguns dêles foram ocupados pelos Suyá em fins do século passado, provavelmente foram êsses índios os responsáveis pela presença dessas cerâmicas, visto o comércio intertribal mantido com os grupos ceramistas alto-xinguanos.

Inúmeras são as questões formuladas e bem poucas as respostas. Pela extensão e isolamento da área, aliados às dificuldades de locomoção e pessoal, só nos foi possível localizar e escavar 12 sítios no prazo disponível de cêrca de 2 meses. Resta-nos, todavia, aguardar os resultados finais desta pesquisa, para então, com a seqüência local estabelecida, verificarmos a necessidade ou não de novas pesquisas na região dos formadores do Xingu.

#### AGRADECIMENTOS

Expressamos nossos sinceros agradecimentos ao Cel. Av. Protásio Lopes de Oliveira, Chefe do Estado-Maior da 1.<sup>a</sup> Zona Aérea, pela boa vontade e colaboração no transporte de pessoal e material; a Orlando e Claudio Vilas-Boas, administradores do Parque Nacional do Xingu, pela hospitalidade, cooperação e interêsse em nosso trabalho; a Daniel F. Lopes, auxiliar de campo, pela dedicação ao trabalho e conduta irrepreensível, condições que o fazem merecedor de nossa estima pessoal; e, finalmente, a Tuín, nosso piloto e guia kayabí, por sua habilidade e presteza demonstradas durante nossa estada no campo.

#### SUMMARY

The region surveyed lies in the state of Mato Grosso, in a zone of gallery forest and savanna, with warm wet winters and cool dry summers. Twelve habitation sites were investigated, 7 on the upper Xingu and 5 on the lower Culuene (fig. 11), with two or more stratigraphic excavations made in each. Preliminary analysis of the pottery suggests that this

geographical division corresponds to two archeological phases, but names have not been assigned pending more detailed study of the material.

The upper Xingu sites are located in gallery forest on river banks above flood level. The refuse area is 80 to 200 meters in diameter and averages 70 cm. in depth. The pottery is tempered with cariapé and surfaces are poorly smoothed. A minority of vessels are decorated by one of the following techniques: red slip, red-on-white painting, fingernail punctation, nicked rim, or stylized biomorphic adornos or lugs with incised and punctate embellishment. Vessels are wide mouthed and flat based, with vertical or slightly everted rims. Griddles up to 60 cm. in diameter are characteristic. Ceramic artifacts include sherd disks and potrests. Stone tools include chipped and semi-polished axes, flakes, cores and sandstone abraders. Fragments of a human skeleton were encountered in one site, probably remnants of primary interment.

The sites on the lower Culuene occur on the shores of rivers or lakes where land is above flood level. Refuse covers a circular area 100 to 150 meters in diameter. Depth averages 50 cm. Pottery is tempered with cauxi and more often decorated than that of upper Xingu. Decoration consists of red slip, nicked rim, incision (typically straight parallel lines on horizontal rim surfaces), rim adornos and lugs. The surfaces are well smoothed and occasionally polished. A typical vessel form is a large shallow container with a broad horizontal rim. Griddles and potrests also occur. The only stone artifacts encountered were fragments of polished axes. A primary extended burial was excavated, which had two pottery vessels covering the body and a stone bead associated.

Extensive earthworks in form of trenches 2-3 meters wide and several kilometers long have been reported by previous investigators in this region. Although they have been attributed to artificial construction, re-examination suggests that they represent former stream channels. Air photographs have been submitted to a geomorphologist for expert evaluation.

The presence of sherds characteristic of one region in sites of the other suggests that these two complexes are to some degree contemporary. However, final evaluation must await detailed analysis and seriation of the pottery and the results of charcoal samples submitted for carbon-14 dating.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

ALMEIDA, FERNANDO FLAVIO M.

1948 — Contribuição à geologia dos Estados de Goiás e Mato Grosso. *Notas Preliminares e Estudos*. D.G.M., Rio de Janeiro, 8. 46 p. map. perf.

BARBOSA, OCTAVIO et alii

1966 — *Mapa geológico do Projeto Araguaia*. D.N.P.M., D.G.M., esc. 1 : 1 000 000, est. 6. In: *Geologia estratigráfica, estrutural e econômica da área do "Projeto Araguaia"*. *Monografia da Divisão de Geologia e Mineralogia*, Rio de Janeiro, 19. viii + 94 p.

BUENO, FRANCISCO ANTONIO P.

1885 — Memoria sobre a exploração do rio Xingu. *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1 (3) : 233-258.

CARVALHO, JOSÉ CANDIDO M.

1949 — "Observações zoológicas no rio das Mortes e no Alto Xingu". In: *Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, *Publicações Avulsas*, 5 : 7-19.

CASTRO, FRANCISCO P.

1938 — Relatório da expedição Paula Castro (1897). *Revista do Instituto Historico de Matto Grosso*, Cuyabá, 30-40 : 107-135.

DOLE, GERTRUDE E.

1961/62 — A preliminary consideration of the prehistory of the Upper Xingu Basin. *Revista do Museu Paulista*, n. s. São Paulo, 13 : 399-423. 15 fig.

GALVÃO, EDUARDO

1953 — Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Xingu. *Boletim do Museu Nacional*, n. s. Antropologia, Rio de Janeiro, 14. 56 p. il.

GALVÃO, EDUARDO & SIMÕES, MÁRIO F.

1964 — Kulturwandel und Stammesüberleben am oberem Xingú Zentralbrasilien. In: Hans Becher, ed *Beitraege zur Voelkerkund Südamerikas*. Hannover, Kommissionsverlag Münstermann - Druck, p. 131-151, 7 est. 2 map. (Voelkerkundliche Abhandlung, 1).

MEYER, HERMANN

1898 — Im Quellgebiet des Schingu. — Landschafts — und Voelkerbilder aus Centralbrasilien. *Verhandlungen der Gesellschaft deutscher Naturforscher und Aerzte*. Versammlung zu Braunschweig 1897. Leipzig, 69(1) : 135-145, map.

1899 — Uber seine zweite Reise in Zentral - Brasilien. *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, Berlin. 26 : 261-265. [Carta a von den Steinen].

OBERG, KALERVO

1953 — Indians Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil. *Publication*, Washington, Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, 15. vii + 144. il.

PETRULLO, VINCENT M.

1932 — Primitive Peoples of Matto Grosso Brazil. *The Museum Journal*, Philadelphia, University Museum, 23 (2) : 83-173, 24 est. map.

SCHMIDT, MAX

1942 — Resultados de minha expedição bienal a Mato Grosso. De setembro de 1926 a agosto de 1928. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 1938-1941 (14-17) : 241-285.

SIMÕES, MÁRIO F.

- 1963 — Os "Txikão" e outras tribos marginais do Alto Xingu. *Revista do Museu Paulista*, n. s., São Paulo, 14 : 76-104, 4 est. 3 fig. map.

STEINEN, KARL VON DEN

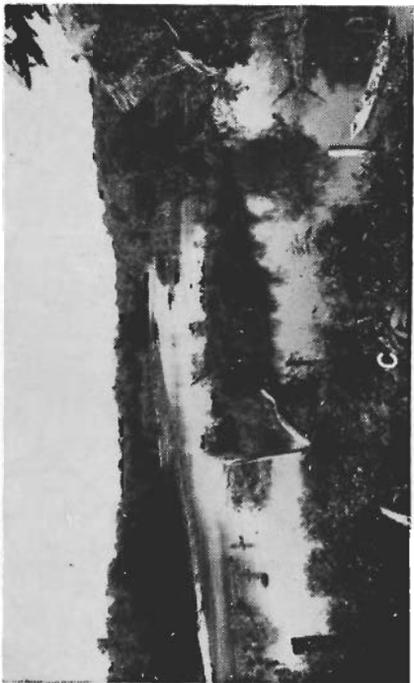
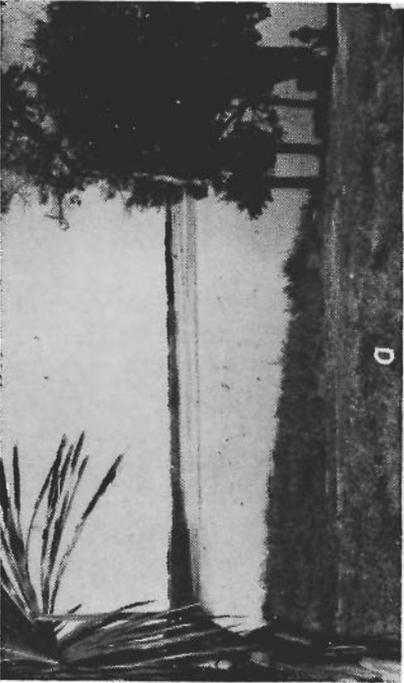
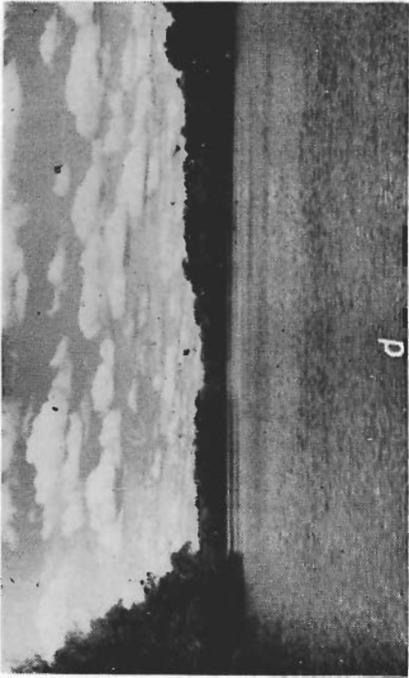
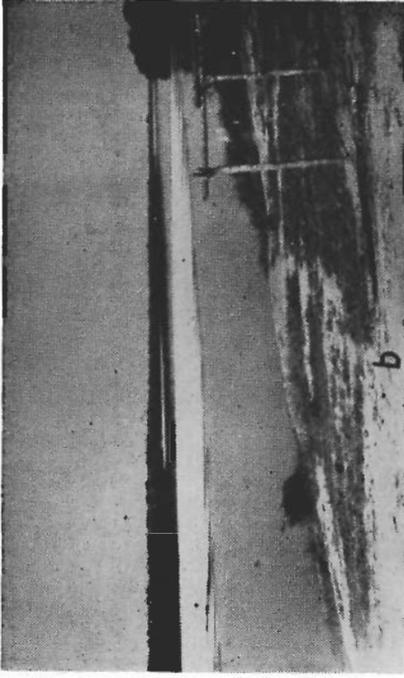
- 1885 — Exploração do Xingu e homenagem tributada aos exploradores. *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1 (1) : 57-83.

- 1940 — *Entre os aborígenes do Brasil Central*. [Unter den Naturvoelker Zentral-Brasiliens]. Trad. Egon Shaden, São Paulo, Departamento de Cultura. 713 p. il. [Separata renumerada da Revista do Arquivo, 34-58].

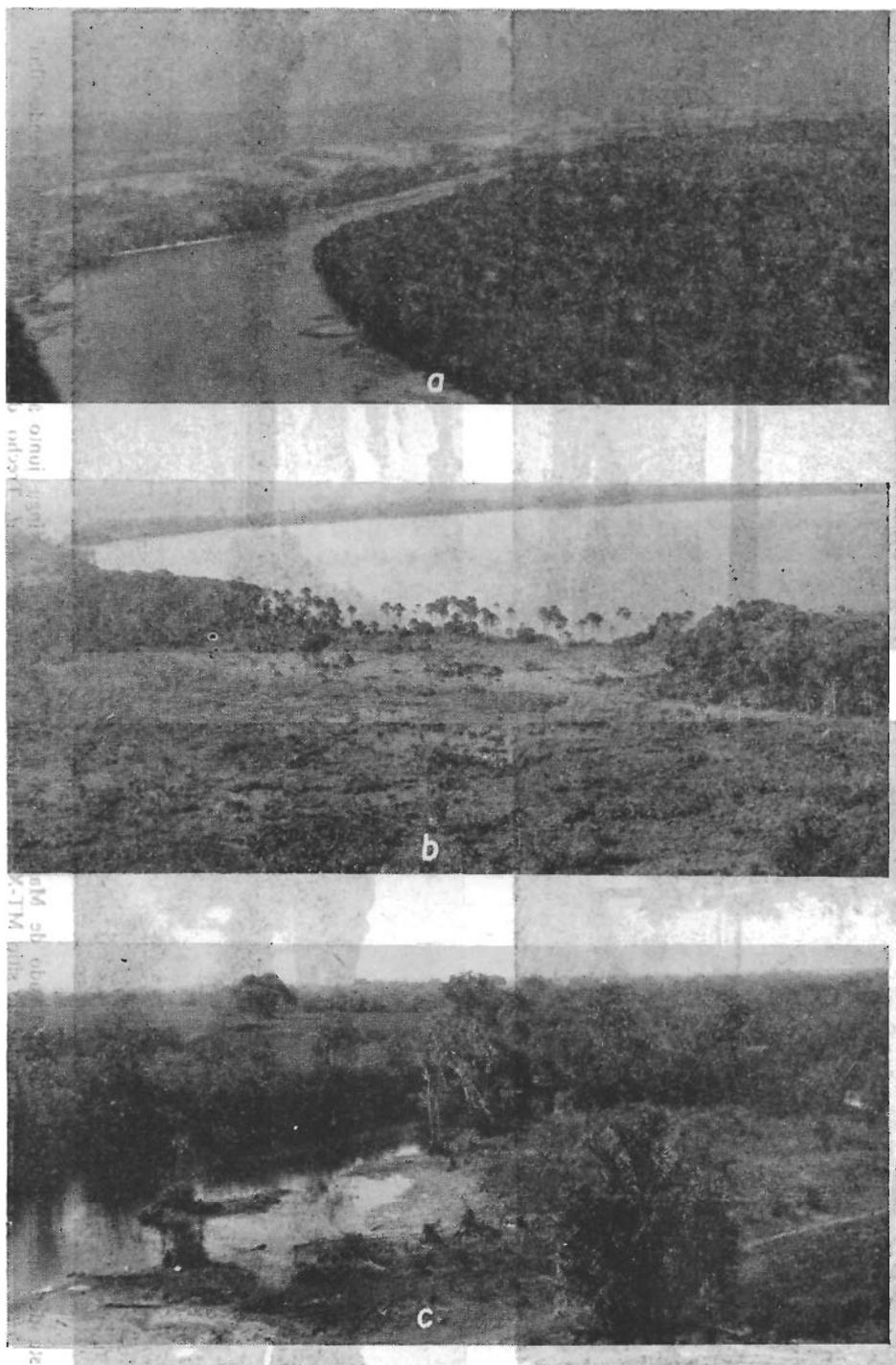
- 1942 — *O Brasil Central*. [Durch Central-Brasilien]. Trad. Catarina B. Cannabrava, São Paulo, Ed. Nacional. 419 p. il. (Brasíliana, Série Extra, 3).

VANZOLINI, PAULO EMILIO

- 1963 — "Problemas faunísticos do Cerrado". In: *Simpósio sobre o Cerrado*. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 424 p. il. p. 305-321.



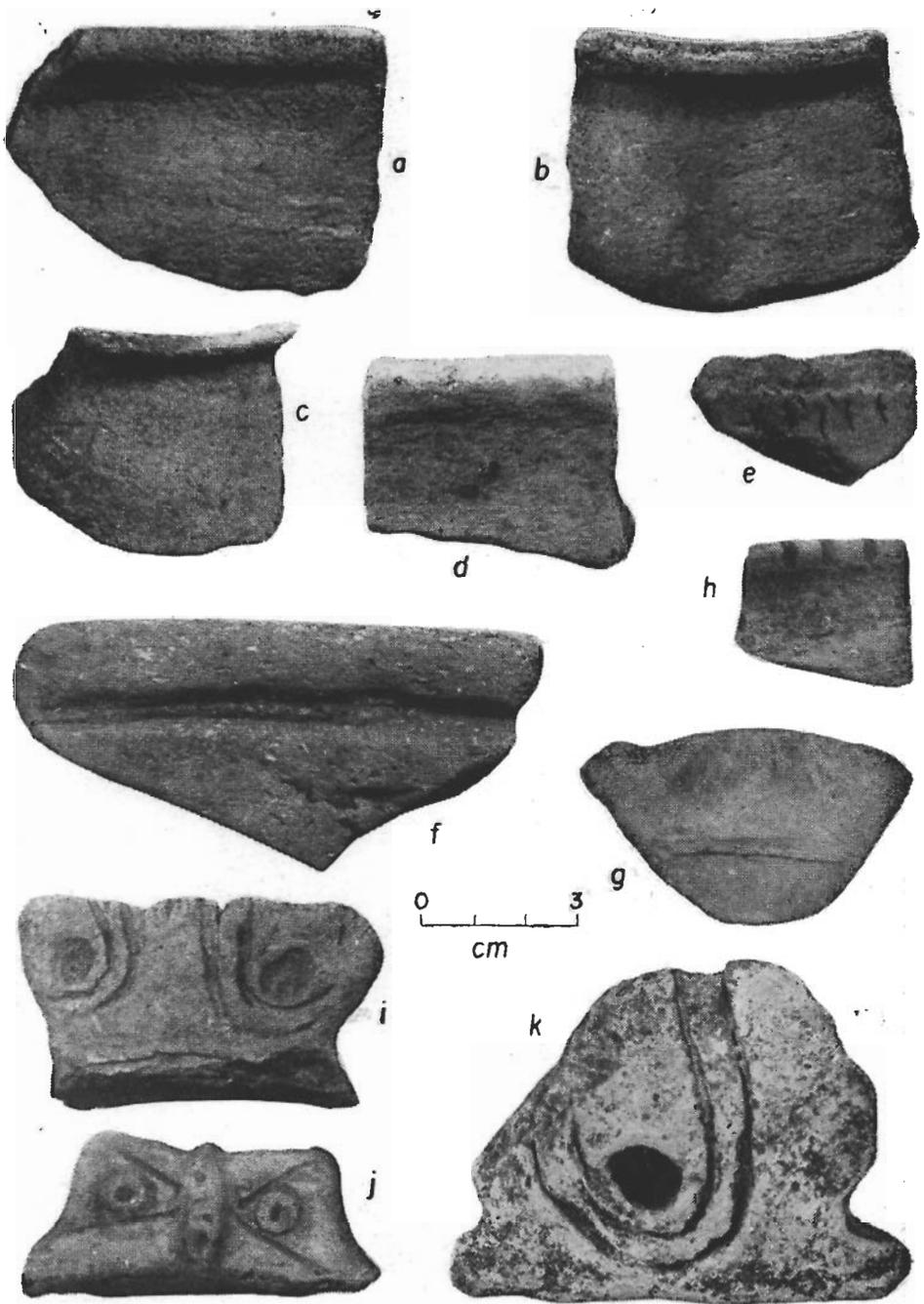
Vista do curso superior do Xingu, Estado de Mato Grosso. *a*, Trecho do rio Xingu, junto ao Pósto Diauarum; *b*, Grande "ilha" de areia defronte ao sítio MT-X-5; *c*, Curva do rio Suiá-missu; *d*, Trecho do rio Manitsauá.



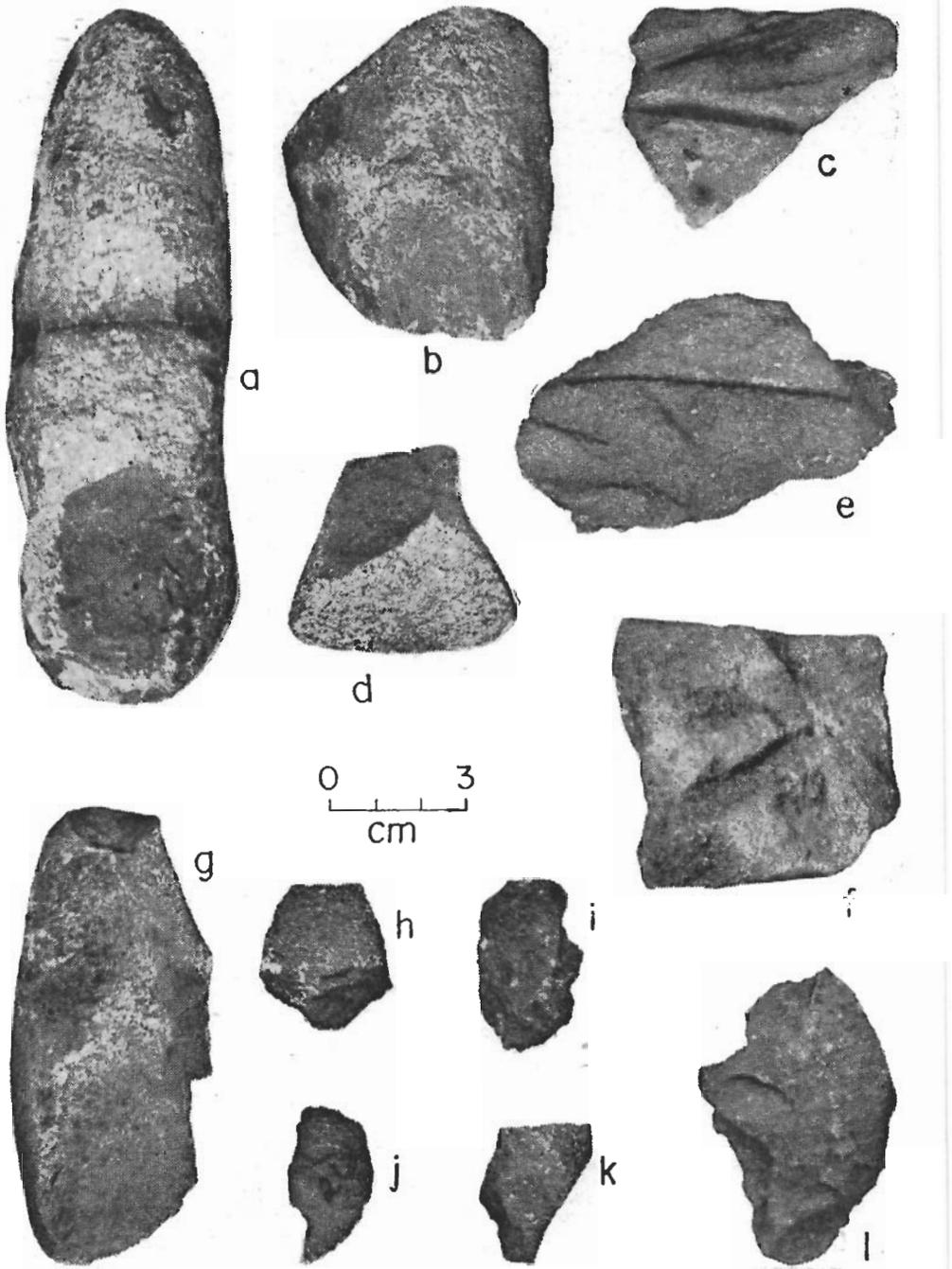
Vistas do curso inferior do Culuene. *a*, Vista aérea do baixo rio Culuene; *b*, Vista aérea da lagoa Ipavu; *c*, Trecho do ribeirão Tutuari, junto ao Pôsto Leonardo Vilas-Boas.



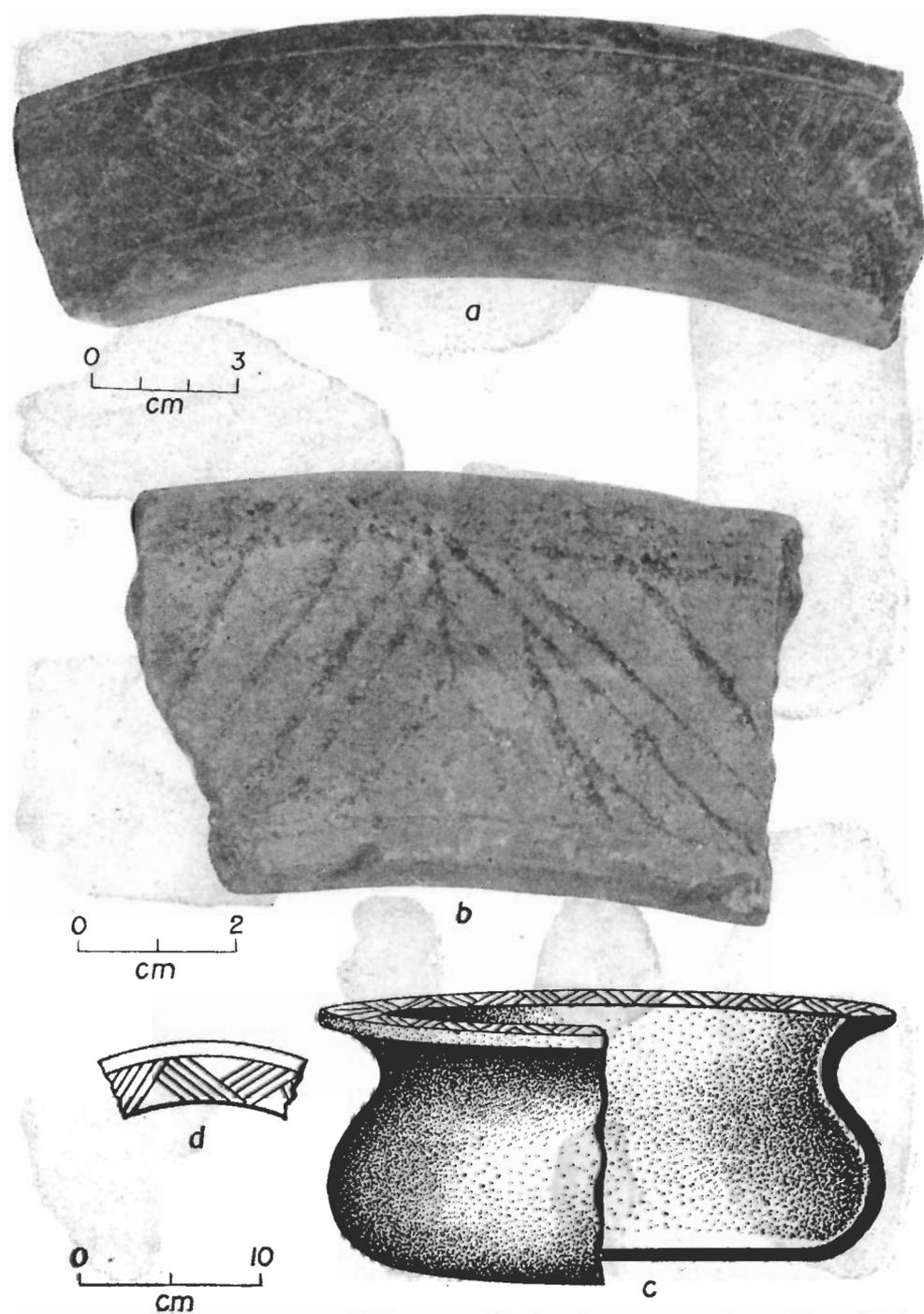
Escavações arqueológicas no Alto Xingu. a-d, Fragmentos de cerâmica simples; e, Urnula. a, Sítio do curso superior do Xingu (MT-X-1 : Diavarum, corte C); b, Sítio do curso inferior do Culunene (MT-X-8 : Makahuku, corte A).



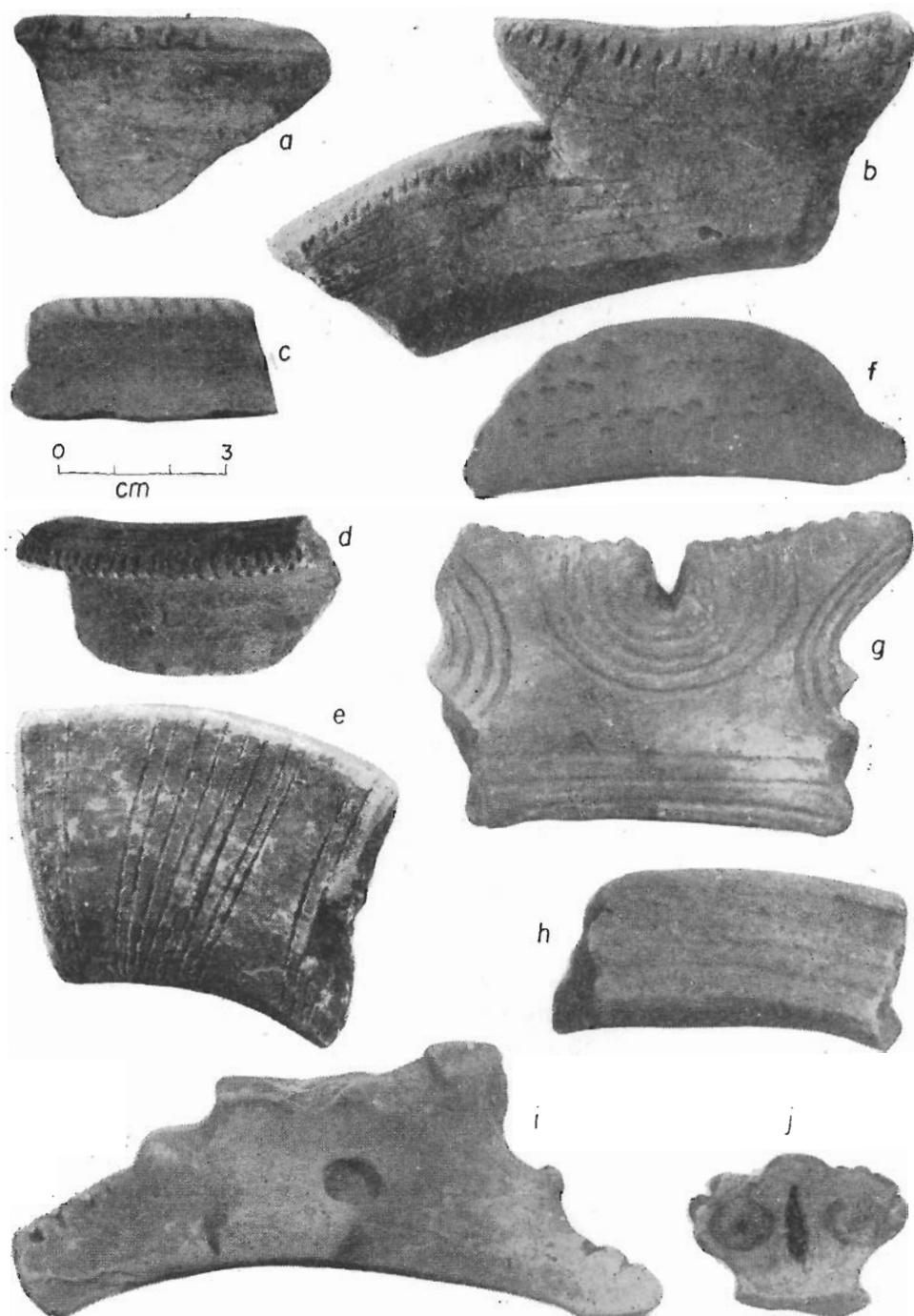
Cerâmica do curso superior do Xingu. *a-d*, Fragmentos de cerâmica simples; *e*, Unguladão vertical; *f*, Acanalado; *h*, Entalhado; *g*, Adorno de borda modelado; *i-k*, Adorno zoomorfo e alças incisais (cerâmica intrusiva do curso inferior do Culuene).



Artefatos líticos do curso superior do Xingu. *a*, Talhador semipolido alongado, com ponta e talão; *b*, *d*, *g*, Fragmentos de machados semipolidos; *c*, *e*, *f*, Abrasadores de arenito com sulcos; *h* - *l*, Lascas.



Cerâmica do curso inferior do Culvene. *a-b*, Borda horizontal plana incisa; *c*, Desenho da grande panela de borda horizontal plana incisa encontrada num enterratório (lagoa Ipavu). *d*, Padrão da decoração incisa na borda.



Cerâmica do curso inferior do Culueue. *a - c*, Entalhada; *d*, Borda incisa com lábio entalhado em ziguezague; *e*, Borda extrovertida incisa; *f*, Alça pontuada; *g*, Alça modelada incisa; *h*, Borda horizontal plana incisa; *i*, Alça modelada entalhada; *j*, Adorno zoomorfo modelado.